

# Medicina tradicional indígena na formação de enfermeiros e subsídios para práticas avançadas

Vagner Ferreira do Nascimento<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-3355-163X>

Ana Cláudia Pereira Terças-Trettel<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0001-8761-3325>

Cristina Schmitt Gregolin<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-9175-9076>

Ana Raquel Florindo Mateus Rangel<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0001-6441-4497>

Hércules de Oliveira Carmo<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-6996-4233>

Maristela Santini Martins<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0002-0730-3923>

## Como citar:

Nascimento VF, Terças-Trettel AC, Gregolin CS, Rangel AR, Carmo HO, Martins MS. Medicina tradicional indígena na formação de enfermeiros e subsídios para práticas avançadas. Acta Paul Enferm. 2025;38nspe1:e-SPE09p.

## DOI

<http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2025SPE09p>



## Descritores

Sistemas médicos complexos tradicionais; Povos indígenas; Enfermagem transcultural; Educação em enfermagem; Estudantes de enfermagem

## Submetido

25 de Março de 2025

## Aceite

8 de Setembro de 2025

## Autor correspondente

Vagner Ferreira do Nascimento  
E-mail: [vagnernascimento@unemat.br](mailto:vagnernascimento@unemat.br)

## Editor associado convidado

Antonio Marcos Tosoli Gomes  
(<https://orcid.org/0000-0002-7696-9307>)  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

## Disponibilidade dos dados:

Os autores não disponibilizaram os dados do presente artigo, em repositórios, antes da submissão.

## Resumo

**Objetivo:** Investigar as contribuições da Medicina Tradicional Indígena (MTI) na formação de enfermeiros e subsídios para práticas avançadas.

**Métodos:** Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, exploratório e documental, realizado em novembro de 2024, a partir do acervo didático-pedagógico digital da primeira turma do Curso de Graduação em Enfermagem Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso. Para a análise dos dados, utilizou-se a análise temática, com o auxílio do software Requalify.ai.

**Resultados:** Prevaleram estudantes indígenas do sexo masculino, com idades entre 36 e 50 anos, todos aldeados. Foram geradas três categorias temáticas que refletem a relevância da MTI para a formação intercultural e benefícios para a atuação do enfermeiro: valorização cultural e potencialidades da MTI, formação acadêmica de enfermagem intercultural e contribuições da MTI para a prática profissional do enfermeiro.

**Conclusão:** A MTI no currículo de enfermagem tem proporcionado aos estudantes indígenas a oportunidade de valorizar suas práticas ancestrais de saúde e desenvolver competências interculturais essenciais para o cuidado de enfermagem. O estudo destacou que essa formação intercultural dialoga com os atributos das práticas avançadas de enfermagem, ao propor uma abordagem holística, com o aprofundamento de saberes clínicos em áreas específicas, atendendo à complexidade da gestão do cuidado indígena por enfermeiros.

<sup>1</sup>Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, MT, Brasil.

<sup>2</sup>Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

**Conflitos de interesse:** nada a declarar.

## Introdução

A formação de enfermeiros para práticas avançadas de enfermagem (PAE) requer a integração de conhecimentos técnicos e não técnicos.<sup>(1)</sup> O processo de educação e treinamento para PAE deve acompanhar os avanços da ciência, da tecnologia, das políticas de saúde e do atendimento a populações específicas.<sup>(2)</sup>

As comunidades indígenas, por exemplo, viveram milhares de anos com práticas baseadas exclusivamente nos conhecimentos ancestrais, o que chamamos de Medicina Tradicional Indígena (MTI), comumente praticada por equipes de cuidado legitimadas, como pajés, xamãs, curandeiros, raizeiros e parteiras.<sup>(3)</sup> No entanto, a transmissão desses conhecimentos tem sido comprometida pela dificuldade das etnias em perpetuá-los.<sup>(4)</sup> A MTI é pouco abordada nos cursos de enfermagem, o que limita a preparação dos profissionais para atuar no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena do Sistema Único de Saúde (SasiSUS) e em outros serviços que atendem indígenas.<sup>(5)</sup>

No Brasil, a formação em enfermagem ainda não contempla plenamente a diversidade populacional e cultural, sendo marcada por currículos inflexíveis e restritos a ambientes de prática.<sup>(3)</sup> Algumas iniciativas buscam modificar esse cenário, como o curso de Enfermagem Intercultural Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), pioneiro ao integrar a MTI como eixo temático transversal ao longo de toda a formação, promovendo a interação entre os saberes tradicionais indígenas e ocidentais, com professores auxiliares indígenas trabalhando de forma contínua com os professores titulares para fortalecer a formação intercultural.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) reconhecem a coexistência da medicina tradicional e da biomedicina em diversos países, ressaltando a necessidade de associação entre esses sistemas no cuidado.<sup>(6)</sup> No Brasil, equipes multiprofissionais do SasiSUS observam a importância da MTI no cotidiano das comunidades indígenas e indicam a necessidade de maior participação das universidades na formação de enfermeiros para práticas mais integradoras, reconhecendo as dificuldades para lidar com as especificidades indígenas.<sup>(7,8)</sup>

Nos últimos anos, a enfermagem na saúde indígena vem buscando competências mais avançadas para superar os desafios diários,<sup>(9)</sup> recorrendo frequentemente aos saberes indígenas para garantir a integralidade do cuidado.<sup>(3)</sup> Apesar disso, há lacunas na literatura científica sobre a participação de pacientes e famílias na assistência em saúde, aspecto essencial nas práticas avançadas<sup>(10)</sup> e que faz parte do cotidiano indígena. Dessa forma, o objetivo do estudo foi investigar as contribuições da MTI na formação de enfermeiros e subsídios para práticas avançadas.

## Métodos

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, exploratório e documental, que respeitou as diretrizes do *Consolidated Criteria for Reporting Qualitative Research* (COREQ), com base no acervo didático-pedagógico digital da primeira turma do curso de graduação em Enfermagem Intercultural Indígena da UNEMAT. A escolha desta universidade se deu por ser a primeira a inaugurar um curso de bacharelado dessa natureza, com o maior número e diversidade étnica indígena na história da enfermagem global, representando 42 povos e 50 estudantes indígenas na mesma turma, provenientes de todos os Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs) deste estado: Araguaia, Cuiabá, Kayapó de Mato Grosso, Vilhena, Xavante e Xingu.

O acervo didático-pedagógico utilizado é um banco de dados alimentado por preceptores e pela coordenação, incluindo atividades de ensino, pesquisa e extensão, com o objetivo de documentar e preservar a historicidade da trajetória acadêmica desses estudantes.

Os dados foram coletados de forma *online* em novembro de 2024, por um único pesquisador, doutor e com experiência em pesquisas dessa natureza, referente ao período de março a abril deste mesmo ano. Esse recorte temporal deve-se ao período da primeira etapa intermediária (Tempo Aldeia) deste curso, momento em que os estudantes estão imersos em suas comunidades, acompanhados por preceptores e sob a supervisão de professores. A amostra

foi censitária, abrangendo a primeira atividade proposta sobre “Medicina Tradicional” aos estudantes indígenas. Foram incluídas atividades (exercícios para reflexão e *brainstorming* sobre a temática) realizadas pelos indígenas devidamente matriculados no curso, e excluídas as atividades daqueles com formação acadêmica (graduação) anterior, dois estudantes

A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática, com suporte da plataforma Requality, *software* de inteligência artificial que utiliza *Large Language Models* com arquitetura *Generative Pre-trained Transformer* para análises qualitativas.<sup>(11)</sup> Esta abordagem permitiu identificar, organizar e interpretar padrões de sentido (temas) presentes nas atividades dos estudantes indígenas. Inicialmente, realizou-se o *download* das atividades, constituindo um novo banco de dados, exclusivo para o estudo. Após essa etapa, os dados brutos (transcrições) foram inseridos na plataforma, que realizou a leitura exploratória automatizada e a segmentação em unidades de significado. Em seguida, a ferramenta gerou uma lista preliminar de códigos e temas emergentes, com base em algoritmos de agrupamento semântico e frequência de termos, preservando a coerência contextual.

A equipe de pesquisadores revisou criticamente os temas sugeridos, realizando renomeações, além de incluir categorias teóricas dedutivas baseadas em referenciais da MTI na perspectiva das práticas avançadas em contexto indígena. A etapa de codificação temática foi realizada de forma híbrida, integrando a sugestão automatizada da IA com a análise interpretativa dos pesquisadores. Na apresentação dos relatos, utilizou-se P referente a participante, com elemento numérico sequencial, P1, P2 e etc.

Antes e após a aplicação da análise, o material foi enviado por *e-mail* e *WhatsApp* aos participantes para apreciação, aprovação e *feedback*, com um prazo de 15 dias para o retorno em ambos os momentos, porém sem indicação de mudanças.

O estudo respeitou os aspectos éticos em pesquisa com populações indígenas, tendo aprovação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 80943124.7.000.5166 e parecer nº. 7.152.480, em 20 de outubro de 2024.

## Resultados

Quarenta e oito estudantes indígenas participaram do estudo, dos quais 75% eram do sexo masculino e 49% possuíam idade entre 36 e 50 anos. Todos eram aldeados, com maior participação de indígenas dos DSEI Xingu e DSEI Xavante. Foram geradas três categorias temáticas que refletem a relevância da MTI para a formação intercultural e a atuação dos enfermeiros: valorização cultural e potencialidades da MTI, formação acadêmica de enfermagem intercultural e contribuições da MTI para a prática profissional do enfermeiro.

### Valorização cultural e potencialidades da MTI

Os estudantes ressaltam que a MTI está presente no cotidiano das comunidades e deve ser aprofundada no ambiente acadêmico para garantir sua continuidade e valorização. Essa abordagem fortalece a identidade cultural e amplia as possibilidades terapêuticas na prática profissional.

*Como futuro enfermeiro indígena Nambikwara, vejo a Medicina Tradicional Indígena como parte essencial da minha formação, ela representa o conhecimento dos meus antepassados. Aprender a valorizar esse saber é importante para equilibrar o cuidado técnico com as práticas culturais do meu povo. (P12)*

*A medicina tradicional está presente em nosso dia a dia porque faz parte de nossa cultura e tradição. Agora, na faculdade, vamos aperfeiçoar esse conhecimento, com pesquisas apoiadas pelos professores e outros pesquisadores que reconhecem o poder da nossa medicina. (P30)*

Apontam também que a MTI oferece possibilidades terapêuticas eficazes e, em muitas situações, complementa ou substitui os cuidados convencionais, especialmente em regiões com acesso limitado aos serviços de saúde. Reforçam ainda o baixo risco dessa prática e seu papel no gerenciamento do cuidado.

*A importância é que, na cura ou na doença de indígenas, há certos casos que só a medicina tradicional pode tratar e acompanhar. (P24)*

*Já ocorreu de sustentarmos a saúde do povo, sem nenhum profissional, somente com a medicina tradicional, e conseguimos salvar. (P26)*

*Como acadêmico de enfermagem indígena, é muito importante saber e conhecer as duas formas de tratamento, porque a medicina tradicional [indígena] não faz efeito colateral igual a medicina convencional. Às vezes, com simples medicamentos tradicionais, é possível tratar algumas enfermidades sem precisar utilizar os antibióticos. (P33)*

*Boa parte das aldeias estão distantes dos centros urbanos, por isso, a MTI é um importante recurso para o enfermeiro indígena. E enfermeiros que possuem esse conhecimento podem liderar a saúde de sua comunidade. (P44)*

Descrevem a MTI como fundamentada na espiritualidade e na conexão com a natureza, exigindo que o enfermeiro compreenda a interação entre esses dois sistemas de cuidado. A parceria com curandeiros e pajés permite a aquisição de novos conhecimentos e a ampliação das áreas de atuação dentro da comunidade, além de aperfeiçoar os saberes adquiridos na universidade.

*A medicina tradicional traz a cura principalmente com o uso da espiritualidade e a medicina ocidental é um outro tipo de conhecimento, que muitas vezes, não pode atender a necessidade do povo. Assim, o enfermeiro deve compreender esses dois mundos para conseguir trabalhar de forma aceitável e completa. (P2)*

*A medicina tradicional é importante para aprendermos [...] quais as possibilidades de tratamento e cura possíveis. Ainda existem muitas barreiras, pois, o conhecimento é restrito apenas para os mais velhos e dificilmente é passado para outras pessoas com fins de estudos, então é importante estarmos nos aproximando. (P3)*

*O contato direto com os pajés, está sendo muito bom. Eles nos ajudam a pensar como é estar tão distante das cidades e como isso não impede, de*

*modo geral, o acesso à saúde e aos tratamentos. Até em doenças graves, como o câncer [...]. (P5)*

*Estamos estudando junto com pajés e curandeiros locais. Isso permite que o enfermeiro combine terapias tradicionais, como uso de plantas medicinais, rezas e rituais, com abordagens do não indígena, e avance com os conhecimentos aprendidos em sala. (P39)*

## Formação acadêmica em enfermagem intercultural

Os estudantes reconhecem as vantagens do aprendizado da MTI na formação intercultural, especialmente nas constantes trocas realizadas entre seus pares indígenas da turma, que representam a maior diversidade de etnias indígenas do país. Esse ambiente promove a diversidade de saberes em saúde, capacitando-os para a tomada de decisões e escolhas quanto às abordagens terapêuticas mais adequadas.

*Enquanto acadêmica indígena, vejo que é importante o aprendizado que estamos tendo sobre a medicina tradicional do meu povo, bem como de outros povos. Como futura profissional capacitada, estarei apta para atuar com autonomia, não só com meu povo. (P10)*

*É importante ouvir e aprender sobre a medicina tradicional de todos os povos, o Mato Grosso é um estado grande e tem muitos povos, mas até o final do curso vamos compartilhando esses conhecimentos e nos preparando para ser grandes enfermeiros indígenas. (P14)*

*A medicina tradicional indígena oferece uma perspectiva holística, indo além dos aspectos físicos e considerando também os sociais, culturais e espirituais. Essa visão eleva a formação do enfermeiro. (P26)*

*Ao longo do curso, a medicina tradicional é uma ferramenta a mais para o aprendizado, tornando o enfermeiro mais habilidoso nos atendimentos. (P36)*

## Contribuições da MTI para a prática profissional do enfermeiro

Para os estudantes, a MTI qualifica o trabalho do enfermeiro, estreitando as relações entre o profissional e a comunidade indígena, e criando um ambiente propício para o desenvolvimento da confiança, aspecto crucial para a efetivação do cuidado em saúde indígena.

*Uma vez que o profissional adquire esse conhecimento, ele pode exercer um trabalho de maior qualidade, principalmente quando se trata de um paciente indígena. (P10)*

*A medicina tradicional pode nos ajudar a exercer melhor nossa função como enfermeiros, com maior capacidade de enxergar e intervir, e também é mais promissor orientar a comunidade sobre algo que conhecem, aceitam e usam desde a infância. (P29)*

*Reconhecer e respeitar os saberes da medicina tradicional permite ao enfermeiro oferecer cuidado alinhado às crenças e práticas da comunidade. Isso fortalece o vínculo com os pacientes e melhora a aceitação dos tratamentos propostos. (P38)*

Outros estudantes apresentaram a perspectiva da MTI como um recurso terapêutico completo para o enfermeiro, passível de ser utilizado em diferentes momentos e tipos de adoecimento.

*A medicina tradicional é uma oportunidade para descobrir como promover a saúde de forma mais avançada, utilizando o que temos no próprio quintal. Aprendi que as doenças novas também podem ser tratadas com a medicina tradicional. (P7)*

*Ao incorporar a MTI à sua prática, o enfermeiro pode oferecer uma assistência diferenciada, desde o tratamento de doenças comuns da rotina da aldeia até aquelas que fogem do encantamento. (P25)*

*O enfermeiro pode conhecer as ervas medicinais tradicionais e não depender só de medicamentos não indígenas, e cuidar melhor de si e dos seus. (P35)*

*O enfermeiro pode usar a MTI para tratar doenças mais simples, como escabiose, gripes e diarreia, e também doenças crônicas, como diabetes, hipertensão e renal. (P41)*

## Discussão

Em Mato Grosso, o patriarcado no âmbito etnopolítico indígena privilegia o sexo masculino em muitas oportunidades, o que justifica o perfil predominante dos estudantes deste curso. Todavia, as questões de gênero nesse contexto não interferem no acesso nem na prática da MTI.<sup>(3,12)</sup> De forma semelhante, em outros países, como a Nova Zelândia, a MTI tem sido proposta como estratégia para superar o desequilíbrio na força de trabalho em saúde, sendo considerada um pilar na formação de enfermeiros indígenas. Isso porque pensar estratégias em saúde para os povos indígenas e atuar em serviços voltados a essa população requer a liderança de profissionais capazes de oferecer cuidados avançados e culturalmente seguros.<sup>(13)</sup>

No curso, a disciplina de Evolução do Processo de Trabalho de Enfermagem, que aborda a história e o desenvolvimento da enfermagem ao longo do tempo, possibilitou a revelação dos papéis e dos gêneros dos diferentes cuidadores no território indígena por meio de ilustrações que representaram a conexão entre a descoberta do adoecer, a busca por cuidado e os primeiros contatos com profissionais de saúde. Nessa oportunidade, observou-se que as práticas da MTI já se mostravam avançadas à época, embora não fossem valorizadas, sendo impactadas pela imposição de formas de cuidado não indígenas. Assim, ao reviverem essas memórias, os estudantes compreenderam os danos causados pela secundarização da MTI, reconhecendo-a como o principal recurso terapêutico em suas comunidades, capaz de atender às mais diversas necessidades em saúde.

A oportunidade de estabelecer novos fundamentos para a enfermagem a partir da MTI é particularmente relevante para as práticas avançadas, que exigem enfermeiros com competências para atuar em contextos singulares e desafiadores.<sup>(1)</sup> Essa estratégia de formação está em consonância com a visão

de pesquisadores que defendem a necessidade de políticas públicas ao apoio de profissionais de saúde com competências interculturais, com o objetivo de reduzir desigualdades socioeconômicas em saúde e combater as condições estruturais que perpetuam a vulnerabilidade das comunidades indígenas.<sup>(12)</sup>

A incorporação da MTI no currículo promove o contato com lideranças indígenas e facilita o domínio de práticas tradicionais, como o uso de plantas medicinais.<sup>(14)</sup> Ao reconhecer essa necessidade, profissionais das Unidades Básicas de Saúde Indígena (UBSI) têm buscado implementar os princípios da Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF).<sup>(15)</sup> Essa iniciativa foi incorporada às práticas das disciplinas de Medicina Tradicional e Farmacologia, ministradas por docente indígena, nas quais os estudantes puderam vivenciar uma farmácia viva em território indígena, dialogando sobre o plantio, cultivo, princípios ativos e modos de utilização das plantas. Esse direcionamento da MTI também se mostra promissor para a inserção dos enfermeiros indígenas no mercado de trabalho como, apontado em estudo norte-americano, o qual evidenciou que, entre as áreas das práticas avançadas, aquelas voltadas ao desenvolvimento de medicamentos receberam os maiores honorários.<sup>(16)</sup>

É importante destacar que a MTI não abrange apenas cuidados físicos,<sup>(3)</sup> compreensão esta que foi ampliada em outras disciplinas do curso, como na Psicologia em Saúde. Nesta disciplina, os estudantes compartilharam suas concepções sobre o processo de morte e morrer indígena, bem como sobre medidas de conforto e alívio da dor intensa (física e espiritual), incluindo os cuidados paliativos. Embora o termo “cuidados paliativos” fosse desconhecido, concluíram que é uma prática presente em suas comunidades, especialmente diante do aumento de casos de câncer.<sup>(17)</sup> Apesar de os cuidados oncológicos em estágios avançados extrapolarem as competências da MTI conhecidas até o momento, eles exigem um elevado grau de sensibilidade, conhecimento sobre o sofrimento e medidas paliativas,<sup>(18)</sup> características que posicionam a MTI como uma prática estratégica, acessível e de baixo custo para os povos indígenas, principalmente quando compara-

da a outras tecnologias em saúde também direcionadas a cuidados complexos.<sup>(17)</sup>

Esses debates sobre o cuidar e o curar, na perspectiva da interculturalidade, fortalecem o cuidado adaptado às necessidades específicas dessas populações<sup>(19)</sup> e ampliam a descentralização de tecnologias em saúde, algumas ainda restritas ao contexto urbano. E entendendo que a maioria dos enfermeiros brasileiros não pertence diretamente a nenhuma etnia indígena,<sup>(20)</sup> a formação com esse enfoque é observada como uma inovação no ensino para as práticas avançadas, com repercussões diretas ainda durante a graduação, a partir das relações com seus familiares indígenas, guardiões do conhecimento tradicional. Em paralelo, no Canadá, estudantes indígenas de curso de enfermagem tradicional sentem a necessidade de suporte para habilidades clínicas adicionais,<sup>(21)</sup> confirmando que modelos convencionais de ensino para a formação de enfermeiros indígenas apresentam baixo desempenho e traz a dependência de indígenas a estruturas dominantes que desconsideram a MTI.<sup>(13)</sup>

Esta constatação retoma a necessidade em pensar a preparação para as PAE desde a graduação. Em Rondônia, por exemplo, estudantes não indígenas mesmo confirmando a importância de conteúdos referentes a saúde indígena, consideram que o conhecimento da medicina ocidental é superior a MTI, e ao término da graduação não desejam atuar com esse perfil populacional.<sup>(22)</sup> Essa realidade tem relação com a frequente abordagem baseada no *déficit*, enfatizando apenas as carências e dificuldades das populações indígenas, e isso emerge estereótipos e mantém barreiras institucionais que dificultam o acesso equitativo à saúde,<sup>(23)</sup> mas, por outro lado, indica que trabalhar as práticas avançadas sob a luz da MTI requer repensar disciplinas, ementas, estágios e vivências acadêmicas.

A MTI também foi mencionada como uma ferramenta potente e decisiva em regiões mais distantes ou para suprir atrasos no recebimento de recursos. Nas Filipinas, estudo recente comprovou que os saberes de enfermeiros de práticas avançadas no gerenciamento de doenças, por exemplo, foram comparáveis ao tratamento clínico de médicos,<sup>(24)</sup> logo, enfermeiros com essa formação poderão estar

mais preparados para assumir posições estratégicas no cuidado indígena. Portanto, o empoderamento da MTI pelo enfermeiro promove a preservação da cultura, assim como amplia seu arsenal terapêutico e estabelece harmonia necessária para relações éticas e humanizadas, suprimindo iniquidades persistentes dessa população.

Experiências anteriores em Mato Grosso mostraram que trabalhar o conhecimento tradicional indígena em sala de aula, com expansão para o contexto comunitário, está em conformidade com a perspectiva indígena, na qual o respeito à ancestralidade é transmitido desde o nascimento da criança e deve acompanhá-la ao longo da vida como parte essencial de sua identidade e consciência como ser humano, em harmonia com a natureza.<sup>(25)</sup> Esse movimento didático-pedagógico e cultural também fortalece a interculturalidade,<sup>(25)</sup> aspecto ainda pouco discutido nas práticas avançadas, mas que favorece uma atuação inclusiva, respeitosa e eficaz, ao valorizar os significados trazidos pelo usuário/família e integrá-los às intervenções clínicas.

Dessa forma, deixar de considerar a MTI na formação de enfermeiros indígenas seria, antes de qualquer proposta de avanço curricular, um retrocesso às suas existências, impedindo que vivências acadêmicas inspirassem ações posteriores em seus territórios.<sup>(26)</sup> Isso se justifica, em primeiro lugar, pela responsabilidade adicional assumida por esses profissionais perante suas comunidades, e, em segundo lugar, pelo fato de pertencerem ao chão da aldeia, sendo, indiscutivelmente, a nova geração guardiã desses saberes tradicionais.

Ainda assim, a incorporação da MTI nessa formação não se deu por exigências de Conselhos de Educação ou por imposições de políticas públicas de educação, mas sim pelo perfil dos ingressantes e pelas necessidades em saúde das comunidades indígenas. Soma-se a isso o pensamento vanguardista dos idealizadores do curso, que buscaram resgatar práticas tradicionais e inovar no ensino e no cuidado em saúde, algo que, até o momento, não se observa na literatura em relação a outros estados brasileiros com grande população indígena, onde o acesso a conhecimentos sobre comunidades tradicionais, na graduação em enfermagem, ocorre pre-

dominantemente por meio de disciplinas optativas e raros projetos de pesquisa sobre a temática.<sup>(27)</sup>

Esse tipo de estratégia pedagógica, adotada pelo corpo docente do curso, também fomentou entre os estudantes a percepção da potencialidade da MTI na promoção do autocuidado e como recurso para o tratamento de doenças que, à primeira vista, pareciam estar sob domínio exclusivo da medicina ocidental. Nesse sentido, a noção arraigada de que seria necessário abandonar os modos e crenças indígenas para que o tratamento convencional fosse bem-sucedido, especialmente no caso de doenças crônicas,<sup>(28)</sup> vem sendo gradualmente substituída pela concepção da MTI como uma tecnologia em saúde viável para o atendimento integral da comunidade indígena, sem anular ou se contrapor aos planos terapêuticos dos demais membros da equipe de saúde, sejam eles tradicionais ou profissionais. Esse despertar da MTI no advento das práticas avançadas, tornou-se mais evidente a partir da pandemia de COVID-19, especialmente na Atenção Primária<sup>(29)</sup> e vem ganhando visibilidade com constantes descobertas clínicas.<sup>(30)</sup>

Os estudantes indígenas deste curso, embora ainda no início da formação acadêmica, já percebem a MTI como um conhecimento indissociável do exercício da enfermagem. Essa compreensão está alinhada às práticas avançadas, que exigem uma visão integral do cuidado, com diferentes abordagens e contextos em saúde, além de convergir com os princípios da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas, a qual preconiza o equilíbrio entre os diferentes saberes na formação de recursos humanos indígenas qualificados. O espaço significativo da MTI no currículo do curso de enfermagem representa um avanço importante na formação desses profissionais, configurando-se como um novo modelo para outros contextos educacionais e de atenção à saúde.

Este estudo apresenta algumas limitações, como a possibilidade de barreiras linguísticas terem influenciado a profundidade das narrativas, considerando que o português não é a língua materna desses estudantes indígenas. Além disso, pode ter havido certo receio em compartilhar realidades que evidenciem perdas culturais e tradições essenciais ao

bem-viver indígena. Ainda assim, este é o primeiro estudo a trazer à tona a MTI como subsídio para as práticas avançadas na formação de enfermeiros indígenas.

## Conclusão

A inserção da MTI no currículo de enfermagem tem proporcionado aos estudantes indígenas a valorização de suas práticas ancestrais de saúde, além do desenvolvimento de competências interculturais essenciais ao cuidado de enfermagem. A MTI ampliou a visão dos estudantes, permitindo reflexões sobre sua aplicabilidade nas diversas demandas de saúde dos povos indígenas. Essa estratégia metodológica conduz os enfermeiros indígenas ao protagonismo em transformações nas suas comunidades e, consequentemente, à contribuição para melhores condições de vida e saúde. O estudo destacou que essa formação intercultural dialoga com os atributos das práticas avançadas, ao propor uma abordagem holística, com aprofundamento de saberes clínicos em áreas específicas, capaz de atender à complexidade da gestão do cuidado indígena por parte dos enfermeiros. No entanto, novos estudos são necessários para compreender os impactos futuros da MTI e sua relação com a prática cotidiana de enfermeiros indígenas habilitados em práticas avançadas.

## Agradecimentos

À iniciativa e apoio do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen).

## Colaborações

Nascimento VF, Terças-Trettel ACP, Gregolin CS, Rangel ARFM, Carmo HO, Martins MS contribuíram com a concepção do estudo, análise e interpretação dos dados, redação artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual e aprovação da versão final a ser publicada.

## Referências

1. Scanlon A, Murphy M, Smolowitz J, Lewis V. Low- and lower middle-income countries advanced practice nurses: an integrative review. *Int Nurs Rev.* 2020;67(1):19-34.
2. International Council of Nurses (ICN). Guidelines on Advanced Practice Nursing. Geneva, Switzerland: ICN; 2020. p.1-48.
3. Nascimento VF, Hattori TY, Terças-Trettel ACP. Desafios na formação de enfermeiros indígenas em Mato Grosso, Brasil. *Ciênc Saúde Colet.* 2020;25(1):47-56.
4. Nascimento VF. Estratégias de intervenção utilizadas por comunidades indígenas para casos de alcoolismo em Mato Grosso. *Rev Enferm UFJF.* 2024;10(1):1-3.
5. Gomes SR, Oliveira L, Batista GO. As percepções de estudantes indígenas do curso técnico em enfermagem: reflexões a partir de uma avaliação institucional com egressos. *Rev Cocar.* 2024;21(39):1-22.
6. Mancinelli G. La importancia de la participación y la colaboración intercultural en la formación de enfermeras/os en las comunidades wichí del Chaco salteño. *Trab Educ Saúde.* 2023;21:e01649211.
7. Castro NJ, Simonian LT. Percepções e ações da equipe multiprofissional em saúde sobre a medicina tradicional indígena. *Rev Enferm UERJ.* 2024;32(1):e77903.
8. Castro NJ, Mesquit DS, Naka KS, Teixeira JB, Borgs RS. Ensino da saúde das populações tradicionais em cursos de enfermagem. *Enferm Foco.* 2019;10(6):36-41.
9. Martins JC, Martins CL, Oliveira LS. Atitudes, conhecimentos e habilidades para o trabalho do enfermeiro no Parque Indígena do Xingu. *Rev Bras Enferm.* 2020;73(6):e20190632.
10. Kilpatrick K, Savard I, Audet LA, Costanzo G, Khan M, Atallah R, et al. A global perspective of advanced practice nursing research: A review of systematic reviews. *PLoS One.* 2024;19(7):e0305008.
11. Requalify AI. Transcrições e análises qualitativas com IA [artificial intelligence]. Version (0.1): 2024. [citado 2025 Jul 23]. Disponível em: <https://requalify.ai/>
12. Machado IR, Corbett CE, Alcântara ML. Além da biomedicina: um olhar sobre HIV entre os guarani de Mato Grosso do Sul. In: *Saúde indígena: abordagens antropológicas e epidemiológicas.* Porto Alegre (RS): Editora Rede Unida; 2024. p. 61.
13. Brockie T, Clark TC, Best O, Power T, Bearskin LB, Kurtz DLM, et al. Indigenous social exclusion to inclusion: Case studies on Indigenous nursing leadership in four high income countries. *J Clin Nurs.* 2023;32(3-4):610-24.
14. Mandulão G, Guimarães S. As medicinas indígenas e os serviços de saúde: articulando a interculturalidade. In: *Saúde indígena: abordagens antropológicas e epidemiológicas.* Porto Alegre (RS): Editora Rede Unida; 2024. p. 115.
15. Santos E, Brum CN, Lima JBS, Potrich T, Zuge SS, Leite AMBC, Chivon S. Da universidade para a aldeia: vivências da enfermagem no cuidado à saúde da criança indígena. *Rev Enferm Atenção Saúde.* 2023;12(2):e202392.
16. Grundy Q, Held F, Hart D, Baugh CM, Ladd E, Campbell E, et al. Characteristics of advanced practice nurses receiving top industry payments and their practice settings: a cross-sectional study. *J Gen Intern Med.* 2024;39:1142-1148.
17. López-Ríos JM, Ramos-Jaraba SM, Garcés-Palacio IC. Perspectivas comunitarias e institucionales acerca del cáncer cervicouterino en indígenas del Amazonas colombiano. *Rev Cienc Salud.* 2024;22(2):1-17.

18. Minuto JC, Ceolin T, Mercali LM, Bonow CT, Lopes CV, Azevedo NA. Práticas de cuidado realizadas por pessoas que convivem com o câncer. *J Health NPEPS*. 2021;6(2):185-201.
19. Silva PF, Almeida BC, Menezes E, Vasconcelos LC, Machado RR, Machado DAS. Processo de construção do Programa Nacional de Acesso à Água Potável em Terras Indígenas (PNATI). *J Health NPEPS*. 2022;7(2):e1061.
20. Mendes AP, Pedrosa NC, Rocha GS, Silva RA, Ibiapina AR, Jeanjaque OJ. Atuação profissional e as competências culturais necessárias para o trabalho na Saúde Indígena. *rLAS*. 2024;6(1):1-21.
21. Van Bower V, Sawachyn M. Enhancing nursing education for Indigenous students: Indigenous nursing students' insights and strategies. *Nurse Educ Today*. 2024;137:106157.
22. Andrade RA, Almeida AV, Carneiro ME, Silva ME, Justiniano SD, Belmont RP. Formação em medicina e saúde indígena: percepção dos ingressantes acerca do currículo, projetos e perspectivas de atuação profissional. *Braz J Health Rev*. 2024;7(3):01-20.
23. Kennedy A, Sehgal A, Szabo J, McGowan K, Lindstrom G, Roach P, et al. Indigenous strengths-based approaches to healthcare and health professions education – Recognising the value of Elders' teachings. *Health Educ J*. 2022;81(4):423-438.
24. Duller SF, Tejero LM, Tating DL. The effectiveness of collaborative advanced practice nursing in primary hypertension management a randomized controlled trial. *J Cardiovasc Nurs*. 2024;39(5):507-514.
25. Lacerda FH. Conectando raízes: a importância do projeto 'ação saberes indígenas' no currículo escolar. *Rev Taka'a*. 2023;1:e2023006.
26. Ribeiro AE, Beretta RC, Mestriner Júnior W. Representatividade indígena no ensino superior: promoção de saúde e sustentabilidade além dos territórios. *Saúde Debate*. 2024;48(N. Especial 1):e8709.
27. Lara SD, Matias R, Vieira SC, Facco GG, Andrade LP, Oliveira AK. As práticas integrativas e complementares em saúde na formação do enfermeiro em instituições de ensino superior de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. *Ensino Educ Ciênc Hum*. 2023;24(1):33-43.
28. Sampath KK, Ann-Rong Y, Brownie S. Culturally appropriate care for indigenous people with type 2 diabetes mellitus (T2DM) - a scoping review. *Primary Care Diabetes*. 2025;19(3):238-245.
29. Vergara-Escobar OJ, Vargas-Escobar LM. Enfermería de práctica avanzada: el impulso que la atención primaria en salud necesita en Latinoamérica. *J Health NPEPS*. 2025;10(1):e14139.
30. Arcaro G, Koga AY, Carletto B, Budel GM, Gaspar MD, Nadal JM, et al. Preclinical Trial of Ocotea puberula (Rich.) Nees ("Canela-Guaicá") in wound healing: validation of a traditional medicine practice used by indigenous groups in southern Brazil. *Evidence-Based Complem Med*. 2023; 2023:3641383.